Notas sobre as exportações de cebola da Argentina para o Brasil no período pós Mercosul

**Fabio de Almeida[[1]](#footnote-1)**

**José Messias Bastos[[2]](#footnote-2)**

**Resumo**

A pesquisa apresenta a dinâmica das exportações de cebola da Argentina para o Brasil, pós criação do Mercosul, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, análise de relatórios oficiais, utilizando como categoria de análise as combinações geográficas de Cholley, trazendo dados de exportações, das áreas cultivadas, técnicas de produção adotadas nas regiões que produzem a cebola exportada para o Brasil, localizada na zona ao sul da província de Buenos Aires nos vales dos rios Colorado e Negro, por meio da atuação efetiva do Estado, seja na criação La Corporación de Fomento del Valle Bonaerense del Río Colorado - CORFO, seja por meio do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária da Argentina - INPA, no desenvolvimento de cultivares e técnicas, na normatização e certificação de cebolas, ou na adoção de técnicas e equipamentos provenientes da Califórnia – Estados Unidos da América nos anos 80, que permitiram aos produtores a adoção de técnicas modernas em uma combinação indústria-agricultura, que nos anos 90 com a criação do Mercosul transformaram a Argentina na maior exportadora de cebola para o Brasil.

**Palavras-chave:** Cebola, Argentina, Brasil, Exportações.

Notes on Argentine onion exports to Brazil in the post-Mercosur period

**Abstract**

The research presents the dynamics of onion exports from Argentina to Brazil, after the creation of Mercosul, through bibliographic and documentary research, analysis of official reports, using Cholley's geographic combinations as an analysis category, bringing data on exports, cultivated areas, production techniques adopted in the regions that produce onions exported to Brazil, located in the area south of the province of Buenos Aires in the valleys of the Colorado and Negro rivers, through the effective action of the State, whether in the creation of La Corporación de Fomento del Valle Bonaerense del Río Colorado - CORFO, whether through the National Institute of Agricultural Technology of Argentina - INPA, in the development of cultivars and techniques, in the standardization and certification of onions, or in the adoption of techniques and equipment from California - States United States of America in the 1980s, which allowed producers to adopt modern techniques in an industry-agriculture combination, which in the 1990s with the creation of Mercosur transformed Argentina into the largest exporter of onions to Brazil.

**Keywords:** Onion, Mercosur, Argentina, Brazil.

1. Introdução

A cebola é um alimento milenar de origem asiática, da região do Paquistão e Irã, que possui uma atividade de relevância socioeconômica e alimentar, e ocupa a terceira posição entre as hortaliças cultivadas no mundo, só perdendo para a batata e o tomate (Almeida; Bastos, 2023).

Em 2022 a produção mundial atingiu 110,61 milhões de t, cultivadas em 5,96 milhões de hectares, com produção média de 18,53 t/ha, tendo como principais produtores a Índia e a China que responderam por 50,88% da produção, enquanto o Brasil ocupou a décima segunda posição com 1,49%, e a Argentina ocupou a vigésima nona posição com média de produção de 0,58% (Fao, 2024).

A difusão da produção e comercialização está relacionada ao aumento da renda da população e a existência de países altamente povoados que possuíam importantes lacunas alimentares. Como a produção tem possibilidade de ser armazenada por um tempo variável, permite a comercialização não só entre países vizinhos, mas também em todo o mundo.

Em 2022, as exportações representaram 8,70% da produção, tendo como principais países exportadores os Países Baixos, a China, os Estados Unidos da América, a Espanha e o Peru (Fao, 2024).

Em relação ao Brasil, a produção nos últimos anos foi insuficiente para abastecer o mercado interno, em média foram importados 15% da demanda do consumo, tendo a Argentina como principal fornecedor da hortaliça (Fao, 2024).

Com a criação do Mercosul (1991) o comércio de cebola entre Brasil e Argentina adquiriu grande relevância, assim a pesquisa tem como objetivo geral apresentar a dinâmica das exportações de cebola da Argentina para o Brasil a partir de 1991, por meio da análise dos dados das exportações, da caracterização das áreas cultivadas, das técnicas de produção e dos modais de escoamento da produção para o mercado brasileiro.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado como metodologia, a pesquisa bibliográfica e documental, pela extração dos dados oficiais obtidos nos relatórios da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária da Argentina (INTA) e do Sistema oficial para extração das estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens – Comex/Stat do Ministério do Desenvolvimento da Indústria, Comércio e Serviços, a partir dos estudos produzidos na pesquisa da tese no PPGG – UFSC.

Do ponto de vista teórico, foi utilizado como categoria de análise as combinações geográficas (Cholley, 1964), aliada às múltiplas determinações (Marx, 1977), incorporando uma análise do papel da combinação indústria-agricultura (Kautsky, 1982).

2 A gênese da produção de cebola na Argentina

A produção na Argentina teve impulso entre os anos de 1960 e 1970 nas regiões de Mendonza, San Juan, Santiago del Estero, Córdoba, Salta e ao sul da província de Buenos Aires (Medina; De la Torre, 1979).

Em 1960 o governo argentino criou La Corporación de Fomento del Valle Bonaerense del Río Colorado (CORFO), encarregada de administrar as águas destinadas as irrigações nos vales de Villarino e Patagones, que em conjunto com a Estação Experimental Agropecuária Hilário Ascasubi do Instituto Nacional de Tecnología Agropecuária - INTA criada em 1966, promoveram nos anos de 1980 um grande impulso na cebolicultura do país, que somadas a adoção de diversas tecnologias importadas dos Estados Unidos da América, sobretudo do Vale da Califórnia, tais como maquinários, equipamentos e insumos (Negrín; Sosa; Villareal, 2023) impulsionando a produção de cebola na região ao sul de Buenos Aires, comprovando a atuação do Estado Empreendedor (Mazzucato, 2014).

O resultado foi o início das exportações para o mercado europeu na década de 1980, realizada por meio de pequenos grupos de produtores interessados em entrar no mercado externo que se articularam com a empresa Expofrut, que procurava diversificar as atividades (Chimeno, 2022).

O impulso ocorreu quando um pequeno grupo de empresas brasileiras com caminhões próprios se estabeleceram na fronteira e viram uma oportunidade de negócio construindo vínculo com os produtores de Buenos Aires, o que motivou o crescimento comercial e a chegada de um novo contingente de intermediários com perfil comercial mais oportunista e de curto prazo que se deslocavam ao vale exclusivamente para comprarem cebola (Chimeno, 2022).

Com o objetivo de regular o mercado, foi editado pelo Mercosul a resolução 100, que estabeleceu diretrizes de produção e higiene, na Argentina por meio da resolução 88/1995 do Instituto Argentino de Sanidad y Calidad Vegetal – IASCAV, a qual determinava que toda a exportação para os países do Mercosul deveriam sair de estabelecimentos certificados, o que fez com que as empresas brasileiras migrassem de estratégia de comercialização, que passou da compra direta no campo para operadoras que se instalaram alugando as infraestruturas necessárias (Chimeno, 2022).

Após intenso debate e preocupação, o governo federal através da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Pesca da Nação – SAGPyA, passou a exigir a certificação obrigatória, a fim de regular a origem das cebolas argentinas. Desta forma nasceu o programa de certificação de origem da cebola fresca para exportação, coordenada pela fundação Barreira Zoofitossanitária da Patagônia (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p.27).

3 As regiões produtoras de cebola na Argentina

No país, a área cultivada nas últimas décadas foi entre 17.000 e 20.000 ha, tendo como principais zonas produtoras a região ao sul de Buenos Aires no Vale do Rio Colorado VBRC[[3]](#footnote-3) e na província de Rio Negro na Patagônia Argentina, que representaram cerca de 65% da produção nacional, respondendo em média por 85% da produção da cebola exportada para o Brasil (Kehler, 2024), seguida pelas províncias de Santiago del Estero, Salta e Cordova, que representam cerca de 20% e as províncias de Mendoza e San Juan com 15% (SAGyP, 2023).

A maior área do país está na região do Rio Colorado, ao sul da província de Buenos Aires, seguido pelo vale do Rio Negro da província de Rio Negro. O maior plantio ocorreu em 1998 em uma área de 17.294 ha, enquanto que em 2022 diminuiu para 7.978 (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 21), face ao impacto ocasionado pelas crises hídricas e por produções em outros países (Cholley, 1964).

Na região predomina a cultivar Valcatorce, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária - INTA de variedade tardia, de boa qualidade, presente em 80% da área cultivada e a cebola Grano de Oro, destinadas ao mercado interno e exportação, cultivadas por produtores capitalizados, por meio de sistema de cultivo altamente tecnificado, com métodos aprimorados de plantio, irrigação gravitacional, colheita mecanizada, que permitiram o rendimento médio por ha atingir 37 t, que fazem da cebolicultura a principal atividade econômica da região (SAGyP, 2023), produzidas por sistemas agrícolas modernos, na esteira do desenvolvimento da agricultura (Kautsky, 1982).

A oferta da cebola ao mercado consumidor ocorre entre os meses de dezembro a outubro com maior produção entre os meses de março a julho. Nos últimos anos a produção tem aumentado, devido a migração dos produtores dos municípios de Villarino e Patagones, em razão da escassez da água do Rio Colorado, dado a diminuição das nevascas na cordilheira dos Andes (SAGyP, 2023).

Na região o destaque é a produção nos vales de General Roca – alto vale do Rio Negro (190), Lamarque, Choele Choel, Luis Beltrán – médio vale do Rio Negro (1350 ha), Adolfo Alsina – vale inferior do Rio Negro (2.500 ha), Pichi Mahuida (450 ha - Colonia Juliá y Echarren). Na região de Patagones dado as concessões de irrigação a área tem aumentado, atingindo 380 ha em 2022 (Negrín; Sosa; Villareal, 2023).

Os três tipos predominantes de plantio, na esteira da modernização da cebolicultura argentina, conforme Negrín, Sosa e Villareal (2023) são:

a) cebola tardia semeada em sulcos com colheita manual, o custo médio de 2012 – 2021 foi de U$D 3.869,90 a hectare, sendo 47% do custo com sementes, fertilizantes, sifões e produtos fitossanitários; os trabalhos mecanizados responsáveis por 27% e os trabalhos manuais com 26%, alcançando custo de U$D 5.406,00, com preço médio na pilha em U$D 0,23 em 2021.

b) cebola de variedade de colheita mecanizada e antecipada, o custo médio entre 2013 – 2021 foi de U$D 3.752,00, com insumos representando 54%, trabalhos mecanizados em 35%, trabalhos manuais em 11%, alcançando o valor de U$D 4.746,00 por ha em 2021.

c) Cebola semeada em prancha de colheita antecipada e mecanizada, o custo médio entre 2017 – 2020 foi de U$D 2.311, 00, insumos representaram 41% insumos, os trabalhos manuais 37% e os mecanizados 22%, com custo de U$D 1.945,00 em 2020.

Quanto a geração de empregos, a produção primária e as embalagens são responsáveis por um grande número de empregos diretos e indiretos, assim como as empresas do setor metal mecânica, agronomia, transportadoras, serviços mecânicos de lavoura e colheita.

O cultivo exige grande quantidade de mão de obra especializada e também temporária e praticamente toda a cebola destinada à exportação é colhida manualmente e embalada (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p.65). O trabalho sazonal se intensifica entre os meses de abril e maio, coincidindo com as maiores exportações.

O maior número de salários foi empregado na capina manual, seguido por colheita manual, capina e ensacamento do campo com máquina, as que exigem menos salários são a irrigação, frete curto, com custo da mão de obra em torno de 20%, com tendência ao declínio face a implantação de colheita mecanizada (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 67).

1. As exportações de cebola seca para o Brasil pós Mercosul

As regiões do Vale Bonaerense do rio Colorado e os Vale médio e inferior do Rio Negro, compreendem em média 85% da cebola exportada pelo país (Kehler, 2024). Para as exportações as cargas devem atender as condições para processamento da mercadoria, o número de estabelecimentos em 2022 compreendia 69 empresas habilitadas, sendo a maior quantidade na localidade de Pedro Luro (23), fronteira com o Brasil, seguido por Hilario Ascasubi (11), Mayor Buratovich(7), Villalonga(7) no vale do Rio Colorado, somadas a Pichi Mahuida (6), Conesa (7), Adolfo Alsina (2), Avellaneda (4) no vale do Rio Negro (Negrín; Sosa; Villareal, p. 23).

A atuação da Universidad del Sur, por meio do Departamento de Economía, y la Corporación de Fomento del Rio Colorado (CORFO Rio Colorado), analisa os dados dos produtores e estima a produção agrícola, dentre as quais a cebola, destinada principalmente ao mercado interno e externo (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 27).

O primeiro registro de exportação de cebola ao Brasil ocorreu em 1987, com apenas 31 t, em 1990 foram 9.143 t, com a criação do Mercosul o número elevou para 41.808 t em 1991, atingindo 242.913 t em 1997, o que representou 91% das exportações brasileiras, com variação entre 68,8 e 97% do volume total exportado (FAO, 2024).

As primeiras exportações ocorreram por meio dos brasileiros que moravam na fronteira com a Argentina e transportavam madeira e outros produtos para o sul do país e compravam as cebolas no Vale Bonaerense do Rio Colorado - VBRC a fim de aproveitar o frete e comercializavam no Brasil (Negrín; Sosa; Villareal, 2023).

Outro efeito da criação do Mercosul foi o alto preço pago pelo comprador brasileiro, que modificou a estrutura do vale do Rio Colorado, e provocou o aumento da produção, gerando o desequilíbrio entre qualidade e quantidade (Chimeno, 2022).

Em 1999, entrou em vigor a resolução 42/1998, que obrigava a ter o certificado de origem na zona de produção, para emissão da guia de comercialização, do certificado fitossanitário e do cumprimento da resolução do SAGPyA substituída pela Resolução 35/19 e atualmente o trabalho do programa é referendado pela Resolução 133/2022 do Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria - SENASA, que estabelece obrigatoriedade da certificação de origem da cebola cultivada na província de Río Negro e Buenos Aires, somada a exigência de certificação de área livre de febre aftosa exigido pelo Brasil a partir de 2021 (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p.49).

Com o intuito de articular esforços dos setores público e privado na busca de dar eficiência e agilidade na execução de programas em uma área geográfica ampla e produtividade diversificada, foi criada a Funbapa[[4]](#footnote-4), que surge para atuar no programa de certificação e em diversos projetos interinstitucionais relacionados a boa prática agrícola (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 51).

A qualidade da cebola para exportação é controlada na mesma planta de embarque, adotando os seguintes procedimentos, fluxo de processamento, carga completa, solicitação de inspeção, inspeção, aprovação, autorizada a carga, carga do caminhão, executar o lacre, certificação fitossanitária e carga certificada. (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 41).

Toda a carga deve atender aos requisitos estabelecidos pela Senasa e por delegados na Funbapa, com certificação e origem nos galpões habilitados pela Senasa.

As exportações iniciam no mês de fevereiro, com pico entre abril e maio, quando ocorre a diminuição da oferta das cebolas do sul do Brasil ao mercado nacional, com término em junho.

Os volumes exportados ao Brasil dependem diretamente da produção brasileira, que quando é afetada por condições climáticas e biológicas, tem a diminuição da produtividade e da qualidade dos bulbos, além da concorrência com as exportações de outros países como a Holanda e da Espanha, que superaram as exportações Argentinas em 2015,2016 e 2017 (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 31).

Na figura 1, é possível observar as oscilações das exportações para o Brasil, que em função de fatores endógenos e exógenos relacionados tanto a produção argentina como a brasileira, fizeram oscilar o volume comercializado entre os países.

Figura 1 – Exportações de cebola da Argentina para o Brasil em toneladas

Dados: FAO, 2024. Elaborado pelo autor

As principais variedades exportadas para o Brasil, são as amarelas Valcatorce INTA e a Grano de Oro com variáveis brancas e vermelhas, ambas precisam ser aprovadas pela SENASA quanto as características de qualidade, higiene, ventilação e resistência, necessárias para garantir o manuseio e distribuição adequado, adquiridos por meio de requerimento de autorização ao órgão oficial.

Os principais postos fronteiriços de exportação por onde a cebola ingressa no Brasil, estão localizados em Bernardo de Irigoyen, Puerto Iguazú e San Javier na província de Misiones, Paso de los Libres, Alvear e Santo Tomé na província de Corrientes e Bahia Blanca na província de Buenos Aires (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p. 35). O principal ponto de chegada da cebola argente no Brasil é principalmente por Porto Xavier (RS) (Martinelli; Meneses, 2024).

As exportações estão distribuídas nas seguintes regiões: Buenos Aires 82%, 12% Rio Negro, 6% Mendoza e o restante Santiago del Estero, San Juan e outras. (Negrín; Sosa; Villareal, 2023, p.28).

Na figura 2, é possível acompanhar a evolução das exportações, comparando os preços e as quantidades, o que permite uma análise do desenvolvimento da cadeia produtiva da cebola na Argentina.

Figura 2 – Exportações de cebola da Argentina para o Brasil – Quantidade e Valores

Fonte: COMEXSTAT, 2024.

Quanto ao custo dos valores exportados, conforme figura 3 é possível acompanhar a evolução, que está estritamente relacionado as combinações geográficas, afetada por condições físicas: clima e biológicas: doenças, como humanas (Cholley, 1964), onde é possível perceber uma certa estabilidade a partir de 2019, com preços unitários calculados dividindo as toneladas importadas pelo valor total em cada ano, a partir dos dados coletados na Comex/Stat.

Figura 3 – Importações brasileiras de cebola da Argentina – preço médio/ano por quilo

Fonte: COMEX/STAT, 2024.

Em 2024, a oferta da produção nacional brasileira foi baixa dado ao clima ter ditado a rentabilidade (Delio, 2024), o que fez o mercado ser fortemente abastecido pela importação, especialmente da Argentina (Gugel, 2024, p. 31).

Um dos resultados das exportações de cebola da Argentina para o Brasil, foi o crescimento do rendimento da produção catarinense de 10,42 t/ha em 1991 para 28,71 t/ha em 2021, consolidando as unidades especializadas que promoveram a modernização por meio da atuação decisiva do poder público em uma combinação com o setor privado (Almeida, Bastos, 2023), viabilizando a concorrência com a cebola argentina.

5 Considerações

A criação do Mercosul abriu um novo mercado para a cebola argentina, que havia modernizado a agricultura a partir dos anos 1980, por meio de importações de tecnologias americanas da Califórnia EEUU, que somadas a atuação decisiva do Estado Argentino, com destaque para a criação da Corfo, responsável por regular o sistema de irrigação dos Rios Colorado e Negro e a criação do INPA, com evidência ao desenvolvimento de cultivares, somadas as demais políticas públicas proporcionaram a expansão da área cultivada para a região ao sul de Buenos Aires.

O que permitiu um crescimento exponencial da produção argentina nos anos 1990, gerando inúmeros problemas, que resultaram na necessidade de regulamentação das exportações, realizadas por meio das resoluções tanto do Mercosul, quanto dos governos argentino e brasileiro.

Essas regulamentações permitiram as províncias de Buenos Aires e Rio Negro, tornarem a principal fornecedora de cebola Argentina, respondendo por cerca de 85% das exportações, tendo como principal destino o Brasil.

A entrada da cebola argentina no Brasil afetou a produção no sul do país, o que exigiu dos produtores catarinenses, responsáveis por produzirem um terço da produção brasileira a promoção de inovações e especializações.

Assim, o dinamismo das exportações de cebola para o Brasil, está relacionado as políticas públicas e as condições edafoclimáticas de cada país, o que insurge na atuação dos Estados para fomento e regulação para promoção dos desenvolvimentos regionais em ambos os países.

**Referências**

ALMEIDA, Fabio de; BASTOS, José Messias. O dinamismo da produção de cebola seca em Santa Catarina e sua relevância no cenário brasileiro. *Anais do XV ENANPEGE...* Campina Grande: Realize Editora, 2023.

CHIMENO, Patrícia del Valle. Las capas de la cebolla. *Dinámicas de las redes socio técnicas a partir de los procesos de reorientación de la calidad: el caso de la cebolla en el VBRC* (Argentina). [Tesis]. FLACSO. 2022.

CHOLLEY, André. *Observações sobre alguns pontos de vista geográficos.* In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: CNG, n. 179 e 180, 1964.

COMEX/STAT. ***Dados Gerais****.* Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/78842. Acesso em: 04 set. 2024.

DELIO, João Paulo. Clima dita rentabilidade da horticultura 2023 2024. **Hortifruti Brasil,** Piracicaba, v. 23, n. 245, p. 1-38, jun. 2024.

EPAGRI, Ciram. *Núcleo de Estudos em Cebolicultura: Cebola* Net. 2021. Disponível em: https://ciram.epagri.sc.gov.br/cebolanet/. Acesso em: 21 jun. 2021.

FAO. FAO/STAT Food and agriculture data: production: *crops.* Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>. Acesso em: 30 mar. 2024.

GUGEL, Jurandi Teodoro. Cebola. Boletim Agropecuário 132 Santa Catarina: Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - CEPA EPAGRI, Florianópolis, 51 p.

KAUTSKY, Karl. *A Questão Agrária.* São Paulo: Nova Cultural, 1982 (p. 59-79).

KEHLER, Juan Jose Gonzalez. Panorama del Circuito Productivo de la Cebolla en Brasil. *Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria*, Viedma (Rn), Ano 92, n. 17, p. 1-12. 2024. IDEVI.

MARX, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política.* Lisboa: Editorial Estampa, 1977, 5a edição.

MARTINELLI, Francisco; MENESES, Renata. Cebola/Cepea: *Importações da Argentina se aproximam do fim. Hf Brasil.* Junho 7, 2024. Disponível em < https://www.hfbrasil.org.br/br/cebola-cepea-importacoes-da-argentina-se-aproximam-do-fim.aspx >acesso em 01 de set. 2024.

MAZZUCATO, Mariana. O estado empreendedor: *desmascarando o mito do setor público vs. Privado*.Trad. por Elvira Serapicos. 1ª ed. São Paulo: Portfólio-Penguin, 2014.

MEDINA, J. J., y DE LA TORRE, L. *Estudio de mercados para productos de San Juan. Cebolla*. Estación Experimental Regional Agropecuaria Mendoza, INTA. 1979.

NEGRÍN, Daniela; SOSA, Cecília; VILLAREAL, Patrícia. *Producción y comercialización de cebolla en la Región Protegida Patagônica*. 25 años de trabajo y resultados. Viedma: FunBaPa Ediciones, 2023, 98 p.

SAGPyA - Secretaría de Agricultura, Ganadería y Pesca, Ministerio de Economía de la Nación. *Producción de cebolla en Argentina. Evolución del cultivo hasta la temporada 2021/22,* 2023. Disponível em < https: // www.argentina.gob.ar/sites/default/files/sagyp-informeproduccion-cebolla-enero-2023-2.pdf> acesso em 01 de set de 2024.

1. Doutorando do PPGG - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Brasil. fabiodealmeida.prof@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor orientador e titular PPGG -Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Brasil. jbastos@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. O VBRC está entre o extremo sul da província de Buenos Aires, delimitado pelos paralelos 39º10´ e 39º55´ de latitude sul e os meridianos 62º05´ e 63º55´de longitude oeste, que compreende o sul de Villarino e o norte da Patagônia. [↑](#footnote-ref-3)
4. A Funbapa é uma fundação sem fins lucrativos, criada para responder às necessidades regionais do sector agrícola em termos de problemas de saúde e qualidade, através da implementação de programas técnica, política e financeiramente sustentáveis. [↑](#footnote-ref-4)